

A UTILIZAÇÃO DOS MÉTODOS DE RECURSOS VISUAIS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA AS CRIANÇAS SURDAS

Profa. Esp. Márcia Dias Lima¹

Resumo: O presente artigo objetiva investigar a complexidade da relação entre as crianças surdas e a literatura, discutindo as questões metodológicas no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. A contação de histórias para as crianças surdas pressupõe a utilização de recursos visuais enquanto fator relevante, não somente na aquisição de sua língua natural, mas também em seu desenvolvimento intelectual e afetivo-social. O processo metodológico adotado neste estudo foi a imagem não-verbal, através de livros ilustrados, CDs, DVDs, desenhos, dentre outros. Tais recursos foram utilizados visando a formação de sujeitos leitores capazes de interpretar o mundo em que se encontram inseridos. Esse artigo se baseia na análise de pesquisa de campo, através da realização de uma oficina de leitura destinada às crianças surdas, a fim de investigar a eficácia da contação de histórias que utiliza o método de recursos visuais. Através da participação efetiva dos presentes nas atividades propostas, foi possível observar um resultado significativo a partir do desenvolvimento da criatividade, expressão, imaginação e espontaneidade das crianças surdas. Enquanto a criança ouvinte compreende a história através de palavras, a criança surda somente o faz caso seja estimulada visualmente, visto que não tem acesso à narrativa oral: a Libras é de modalidade gestual-visual, enquanto a Língua Portuguesa é oral-auditiva. Conclui-se, por meio do presente estudo, que a metodologia que atende às necessidades da criança surda é necessariamente aquela que dispõe de recursos visuais, capazes de despertar o interesse, atribuir sentido à leitura, estimular a criatividade e propiciar a formação de leitores críticos e reflexivos.

1. Introdução

Contar histórias é um ato ao contrário do que muitas pessoas supõem, que é somente pegar um livro e o reencontrar, o fato que precisam para contar uma boa história sem fugir da originalidade sempre respeitando as suas organizações a qual são submetidos é preciso ser submetido a uma árdua tarefa de preparo e treino e acima de tudo tenham a consciência da sua importância como uma atividade utilizado com uma linguagem artística e milenar. Sabemos constantemente que as histórias provocam vários sentimentos as pessoas principalmente nas crianças que são involuntariamente envolvidos com diversas sensações entre eles alegria, fantasias, curiosidade que inconsequentemente dão as crianças o prazer e o gosto pela leitura possibilitando os a afundar o mundo através dos conhecimentos que são repassados pelas literaturas.

No entanto, quando a atividade de contação de histórias é destinada a crianças surdas, verificamos que faltam informações básicas sobre o imaginário e fantasia dessas crianças, bem como sobre a cultura e sua língua de sinais. As referências existentes carecem de uma maior estrutura, apoio lingüístico - considerando a particularidade do Surdo - e divulgação, para que os profissionais tomem conhecimento e acesso para sua prática pedagógica de forma adequada.

Infelizmente, a educação dos surdos persiste com um assunto inquietante. Inúmeras polêmicas têm se formado em torno da educação escolar das pessoas com surdez. Portanto durante os atos de contar uma história nos deparamos com certos aspectos que nos faz

¹ **Márcia Dias LIMA, Professora Especialista**

Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Departamento da Faculdade de Educação (FACED)
marcia@faced.ufu.br

questionar, entre eles: o que pretendemos despertar nas crianças surdas cada vez que proferimos o famoso “Era uma vez”? Disseminar lições de moral? Promover silêncio? Ganhar sorrisos? Ouvir os apelos de “conta outra vez”?, pois as crianças surdas interliga o mundo através da modalidade visuo espacial não oral auditiva, entretanto as especificidades das crianças surdas nos remetem a uma reflexão de como eles poderão relacionar a profetizarão comum nas historias citadas anterior com o seu contexto.

Sabemos que são muitas as possibilidades e desejos que levam as pessoas a contar histórias. Ao mesmo tempo paramos para pensar será que de fato é necessário que tenhamos motivos para contá-las principalmente as crianças surdas? E por que não deixarmos esta atividade por conta da televisão ou de outros suportes midiáticos, que do ponto de vista prático, seriam mais eficientes contadores de histórias, já que se vale de recursos ricos de imagens o tempo todo? Ou até mesmo deixar este encargo aos intérpretes de Libras que domina a mesma língua das crianças surdas.

Contundo, na busca dessas possíveis respostas a estas e outras questões, esta pesquisa pensou a arte de contar histórias para crianças surdas com o apoio de recursos visuais como uns dos incentivos de desenvolver a capacidade imaginativa e criadora infantil as crianças surdas como ocorre com todas as outras crianças. O interesse pelo tema surgiu a partir da minha necessidade pessoal e profissional de poder fundamentar e aprimorar, através da minha experiência como surda, pedagoga e formadora de professores que atuam numa sala de aula que tem alunos surdos, as atividades de contar histórias para crianças de todas as idades e especificidades de cada um destas crianças surdas.

Dessa forma, a nossa principal intenção é ressaltar se na importância do uso do método de recursos visuais (imagem não verbal, Libras, vocabulários de português como segunda língua-L2) a ser aplicada nas atividades lúdicas de contar historias para crianças surdas, já que essa prática possibilita a estimulação de habilidades cognitivas dessas crianças e oferecendo desta forma a elas um momento de lazer, socialização, postura da visão através do aprendizado com prazer com isso oferece uma capacidade de expressar e em seguida elaborar um texto de forma coerente através da produção de textos tendo como base a contação de histórias narradas com recursos visuais como um dos contribuintes na formação de crianças com uma maior capacidade criativa, crítica e autônoma, em contraposição aos atuais e sedutores das mídias que costumam vender imagens, cores que, pouco ou nada, contribuem para o desenvolvimento da criatividade e da autonomia natural das crianças surdas.

Além disso, pretendemos também salientar o quanto a incorporação teatral, a transcrição das mãos (sinalização da Língua de Sinais), o movimento do corpo, as expressões faciais que são as características específicas da Libras podem configurar-se num importante aliado essencial de tornar o ato de contar histórias muito mais encantadoras e prazerosas, tanto para a criança ouvinte e surdas, como para o adulto narrador e interpretador, na medida em que valoriza e proporciona a oportunidade de expressar, criando e recriando personagens que tem uma grande e boa capacidade de entendimento por parte das crianças surdas em seguida oportuniza os no despertar da fantasia do mundo imaginário nas crianças.

Além de abordar a arte de contar histórias como dimensão do ser humano e considerando que a expressão “arte” também se refere popularmente à “criança arteira”, ativa, que vive aprontando travessuras, este trabalho pretende enfatizar a importância da arte de expressar, criar e imaginar com as histórias, vistas como parceiras para a superação das dificuldades e barreiras de ensino-aprendizagem enfrentadas pelos surdos devido a carência de abordagens didáticos com recursos visuais utilizados na contação de histórias, também procuramos discutir as metodologias adotadas pelas escolas e as práticas pedagógicas que norteiam educação do (a) surdo (a) acerca do seu trabalho com a literatura.

Com base nisso, este trabalho enfatiza a importância do imaginário como algo essencial para construção da identidade da criança surda no mundo que o rodeiam. O adulto como narrador-intérprete da história pode utilizar sua imaginação e sensibilidade para doar vida e autenticidade aos personagens através dos recursos visuais juntamente com a Libras as crianças

surdas, tornando-os reais. Enquanto as crianças surdas, por sua vez, têm a oportunidade de recriá-los, segundo sua própria criatividade, fantasia e criticidade de forma natural, neste caso com a Libras.

Apesar da educação hoje em dia esteja atravessando um período de várias mudanças: com o surgimento de os novos paradigmas, as novas posturas e os novos olhares. Mesmo assim, compreendemos que ainda não avançamos de forma suficiente que possibilite em criarmos mecanismos, no sentido de resolver os problemas da educação, principalmente na educação dos surdos onde deparamos percebemos que várias barreiras do ensino-aprendizagem através da Libras e dos recursos visuais têm sido derrubadas.

A escola tem se esforçado para transmitir um conhecimento que dê condições aos educando de tornarem-se cidadãos conscientes, mas ainda há um longo caminho a ser percorrido. Reconhecemos que a educação no Brasil enfrenta um momento de transição e a escola regular, apesar do esforço, não conseguiu inserir de forma plena o aluno das classes menos favorecidas, como exemplo, podemos citar os altos índices de evasão e reprovação existentes. Então, se o ensino regular vivencia essa problemática, o que dizer da educação das pessoas que não se enquadram dentro do padrão da normalidade?

Para dar conta de todas essas questões, este estudo parte de uma leitura teórica com os seguintes autores que pesquisam e reconhecem o ato de contar histórias para crianças com necessidades especiais como arte, - dentre eles e em especial, Coelho (2004), Skliar (1998), Sisto (2001), Reily (2003) e Mantovani (2006), bem como os que defendem a importância dos recursos visuais na ludicidade da literatura.

Desse modo, acreditamos que essa pesquisa seja relevante para o contexto sócio-educacional e contribua para que novos olhares, novas posturas e novas metodologias de ensino-aprendizagem, sejam elucidados.

2. Da teoria à prática: reflexões

A literatura infantil é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana e, dificilmente, poderá ser definida com exatidão. Cada época compreende e produz a literatura infantil a seu modo.

Conhecer esse modo significa, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade, em sua constante evolução. Pode ser o ponto de partida para a revelação de uma visão original da realidade e da cultura, contribuindo para um aprendizado eficiente.

O mundo em que as crianças vivem se constitui em um conjunto de fenômenos naturais e sociais, indissociáveis, diante do qual se mostram curiosas e investigativas.

A preocupação com a leitura de textos através de imagens, desenhos, fotografias, filmes entre outros, em escolas para surdos, não é muito recente. Reily (2003), por exemplo, sugere que os educadores envolvidos com a educação dos surdos devem refletir mais sobre o papel da contação de histórias na apropriação do conhecimento. Salaria a necessidade de utilizar-se a imagem visual, adequadamente, como recurso cultural que permeia todos os campos de conhecimento e que consegue uma estrutura capaz de instrumentalizar o pensamento. O letramento tanto verbal quanto visual possibilitaria diferentes funções, como, por exemplo, ler imagens do entorno; ler imagens de livros ilustrados; usar imagens visuais como apoio para leitura de texto simples; ler sinais, símbolos e figuras no ambiente escolar com o objetivo de promover a alfabetização de forma satisfatória; criar imagens visuais significativas para registrar compreensão de tarefas; usar figuras em textos de não ficção como apoio da aprendizagem de conteúdo escolar e, finalmente, ler a página, ou seja, diferentes maneiras de apresentar o texto e as figuras e saber contextualizado a sua realidade.

Para isso os educadores devem compreender e vivenciar prazeres junto às histórias, nas funções lúdicas e cognitivas, criando novas formas para trabalhar o conto, tanto com o texto ou imagem, o concreto ou verbal, a literatura e as demais linguagens artísticas e as produções culturais. Betty Coelho (2004) nos dá dicas para fazer bem feito esse ato tão rico.

Estudar a história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-lo. Os recursos mais utilizados são: a simples narrativa, a narrativa com auxílio do livro, o uso de gravuras, de flanelógrafo, de desenhos e a narrativa com interferência do narrador e dos ouvintes. (COELHO 2004, p.40)

Coelho (2004, p.50), afirma, ainda, que contar histórias é uma arte que, por conseguinte, requer certa tendência inata, uma predisposição latente, aliás, em todo educador, em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças. Nessa mesma direção, Malba Tahan (1966, p.8) observa que não basta saber contar; é preciso, além do mais, saber a quem contar, quando contar, o que contar e como contar.

Contar histórias, então, é uma arte que requer predisposição, certa tendência inata, latente em todo educador, em toda pessoa que se propõe a lidar com crianças. É preciso conscientizar a importância da história, a forma como vai ser passada, é necessário criatividade para conduzir o texto e passar com naturalidade as emoções da história.

Essa atividade também contribui para o crescimento da criatividade, a superação do medo, a curiosidade e a socialização, como diz Nelly Coelho (2005):

As grandezas e as misérias do ser humano estão ali transformadas em narrativas mágicas, inverossímeis do ponto de vista da realidade comum, mas que seduzem e convencem porque, de maneira inconsciente ou sublimar, tocam o leitor em suas aspirações vitais mais profundas, as mais das vezes, inconscientes.

Portanto, deve-se estar atentos para que os educadores e a escola se fortaleçam e busquem essa verdadeira importância do ato de contar histórias para que, junto aos alunos, alcancem resultados sólidos de aprendizagem e realização. Diante das diferentes formas de ensinar, o aluno consegue criar e recriar de forma crítica, novas concepções que lhes ajudarão a vencer na vida, ultrapassar seus obstáculos como cidadãos conscientes e críticos.

Organizadas as oficinas de contação de histórias, há que se buscarem suportes teóricos e recursos visuais para acompanhar a metodologia adotada e avaliar seus resultados. Nesse momento, é importante o uso de questionários para avaliação do lastro cultural das famílias dos alunos, experiências dos professores envolvidos na pesquisa. Os questionários permitem verificar a qualidade e a frequência da leitura em casa e na escola e outros interesses culturais da família, uma vez que, conforme postula ROSSI (2003) “é importante reconhecer que a construção do conhecimento é determinada pelas características da cultura em que o aluno vive.”

Diante do exposto, observamos que há um consenso quanto à utilização de recursos variados na contação de histórias, seja para crianças surdas ou ouvintes. Em casa, nas escolas especiais ou escolas regulares, a contação de histórias é uma ferramenta de grande valor cultural, social, psíquico, cognitivo, artístico e pedagógico, que proporciona à criança muito mais que um simples momento lúdico e prazeroso, mas um infinito e consistente baú recheado de informações de si próprio, da escola, da sociedade onde vive, da realidade e da fantasia, e ela ainda podem escolher.

3. Contação de Histórias para crianças surdas: uma experiência única

Para a realização dos objetivos propostos, além de um minucioso levantamento bibliográfico para colher informações e metodologias sobre o tema, foi realizada uma pesquisa de campo, visando ao aprimoramento do conhecimento específico e de atividades didáticas a serem escolhidas e, se necessário, adaptadas, para serem aplicadas na segunda fase desse projeto.

Inicialmente foi aplicado um questionário a duas professoras surdas e três pais ouvintes de crianças surdas, que frequentam a instituição educacional filantrópica de Patos de Minas/MG, onde foram desenvolvidos os trabalhos.

Após a aplicação e análise dos questionários aplicados aos pais e profissionais da escola, pudemos perceber que a maioria dos pais das crianças demorou a detectar a deficiência da criança, justamente por serem ouvintes sem histórico de surdez na família. Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas crianças surdas está no fato de nascerem em casas com pais ouvintes. Quando os pais descobrem a situação, levam um grande susto, não sabem o que fazer. Não foi diferente com esses pais que ficaram desorientados e sem saber que atitude tomar.

A maioria deles tem consciência da necessidade de aprender a Libras, para se relacionar melhor com os filhos; participa das atividades com os filhos, quando chamados; comunica-se por sinais ou leitura labial, da maneira que acha que são mais bem entendidos, mas não entende quase nada do que os filhos falam. Os pais acham importante o contato dos filhos com os livros infantis, principalmente porque desperta o interesse, prendem a atenção deles e o mais importante é que eles compreendem e ampliam informações que não são capazes de serem transmitidos por eles mesmos.

Os professores e profissionais da educação, ao responderem o questionário, demonstraram grande conhecimento a respeito da importância do trabalho realizado por meio da literatura infantil, inclusive da contação de histórias, com o uso de imagens impressas ou não. Muitos já possuem um projeto de contação de histórias, dentro da própria escola, criado por eles segundo eles que encontram grande dificuldade durante a busca da bibliografia de trabalho com o tema relacionada a contação de histórias para crianças surdas para adaptar e o utilizar na sala de aula, para trabalhar com as crianças a arte, o lúdico, a leitura, a escrita, o social.

Depois de aplicados os questionários, desenvolvemos um projeto de contação de histórias com as crianças. O material escolhido foi direcionado aos alunos da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, com idades variando entre 5 e 10 anos, somando um total de 12 crianças, que apresentavam semelhantes dificuldades e comportamentos. Vale lembrar que, no momento da seleção dos livros de histórias, verificamos se as imagens que os livros apresentam não estão cercadas de preconceitos.

Na seqüência, servindo-se da língua de sinais e da língua portuguesa, foram explorados os personagens e cenários que apareceriam nos livros que seriam utilizados no decorrer das atividades. O nome foi ensinado em LIBRAS e, ao mesmo tempo, registrado no quadro de giz, em língua portuguesa, para que todos visualizassem a escrita da língua portuguesa. Outro recurso utilizado foi o desenho feito à mão livre pelas próprias crianças e as ilustrações do próprio livro de história, como uma pista pictográfica², para que a criança surda pudesse compreender o contexto da história contada.

Depois que viram a história contada em Libras acompanhado com cartazes de ilustrações e imagens, algumas crianças quiseram recontá-la. Percebemos que a história contada em língua de sinais preserva e enfatiza a iconicidade e a abstração que, de modo complementar, é capaz de elevar-se às proposições mais abstratas, à reflexão generalizada da realidade e evocar a qualidade concreta, vívida, real, animada das línguas faladas devido a visualização das imagens.

Além disso, as histórias favoreceram outras atividades, como desenhos, recorte e colagem, dobraduras para ilustrar a seqüência da história. Cada proposta exerce uma influência especial sobre o desenvolvimento psíquico das crianças. Assim, o desenho conduz à exatidão e à diferenciação da percepção da cor e da forma dos objetos auxiliando na aquisição e coordenação motora da criança, por exemplo.

Para ilustrar as histórias contadas, a turma foi dividida em dois grupos. Buscamos em Luria (1991) elementos para uma melhor compreensão da importância da linguagem em forma de imagem como organizadora dos processos psíquicos. O desenho oportunizou trocas de idéias, sugestões de ilustrações, cooperação, utilizando a língua de sinais com muita espontaneidade,

² Imagens ilustrativas dos livros para pintar.

criatividade e expressividade. Todas as ações foram realizadas com a nossa participação, auxiliando as crianças sempre que surgiam as dificuldades.

Os dois primeiros livros de histórias infantis para surdos utilizados na prática foram os primeiros a serem publicados e adaptados à literatura surda: *Cinderela Surda* (HESSEL; ROSA; KARNOPP, 2003) e *Rapunzel Surda* (HESSEL; ROSA; KARNOPP; 2003). O livro *Rapunzel Surda* foi reconstruído a partir de pesquisa que considera a experiência visual do surdo, incluindo desenhos que vêm reproduzir expressões faciais e corporais, também com exibição de ilustração visual do passo a passo da história que possuem uma certa semelhança vivenciada pelos indivíduos surdos.

Cada um dos livros contém em sua estrutura três itens principais: desenho e duas escritas: LIBRAS conhecida como Sing Writing (SW) e português. O desenho é importante para que as crianças tenham o visual e uma maior facilidade para perceberem e interpretar o conteúdo do livro. Além disso, têm alguns desenhos de sinais expressando e marcando a cultura surda. Possui a possibilidade de leitura, pois dentro tem a escrita de língua de sinais. Este é novo sistema de escrita de sinais. Para compreender a escrita da língua de sinais a pessoa deve conhecer a estrutura da escrita de Língua de Sinais. E, por último, a leitura do português, que também é importante para aprender a ler o mesmo. Esses três itens têm como objetivo ajudar e compreender a cultura surda.

Posteriormente trabalhamos o terceiro livro - *Patinho Surdo* (ROSA; KARNOPP, 2005) que conta uma história muito diferente do clássico infantil *Patinho Feio*. A obra não é considerada uma adaptação, mas uma criação nova de uma história de patos surdos. Por fim, trabalhamos a história de *Adão e Eva* (ROSA; KARNOPP, 2005), uma história recorrente entre os surdos e que trata da origem das línguas.

Além de material impresso, usamos a mídia em CD, DVD é, pois a apresentação visual facilita o entendimento do livro e a interpretação das informações passadas. Após contarmos as histórias através do uso de imagens não-verbais, utilizando desenhos, pinturas, materiais concretos como bichos de pelúcia, bonecas, cadeiras, mesas, instrumentos que ilustrassem as histórias trabalhadas, e deixá-las à vontade para se expressarem, interpretarem e desenvolver as brincadeiras e atividades propostas é finalizado, passando os vídeos das histórias contadas.

No decorrer da prática, percebemos que a recente oficialização de Língua Brasileira de Sinais (Libras) (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002) que dispõe sobre a Libras e dá outras providências, incentiva o uso da língua pelos pais ouvintes com filhos surdos, ou vice-versa. Melhor explicando, o reconhecimento da Libras como idioma amenizou as dificuldades, facilitando a vida dos surdos em recepção de informações e em participação cidadã.

4. Conclusão

O propósito inicial de discutir o contato e a interação da criança surda com a arte da literatura, por meio da utilização simultânea da língua de sinais, bem como de materiais concretos, desenhos, fitas de vídeos em DVDs, foi alcançado. Percebemos que esses recursos são imprescindíveis para se atingir o bom desenvolvimento linguístico, artístico, cognitivo e imaginário das crianças surdas nas atividades propostas.

Durante a nossa permanência no Centro Filantrópico, onde foram desenvolvidos os trabalhos, houve muitas trocas com os profissionais e alunos envolvidos no projeto. Houve interação entre as crianças surdas, as quais participaram ativamente das atividades propostas, rompendo com a insegurança de utilizar a Libras para se comunicar. As crianças que não estavam participando das atividades desenvolvidas também quiseram aprender a língua dos surdos.

O trabalho empreendido permitiu, ainda, ressaltar que mesmo com a necessidade do ensino de Libras e da educação especial na formação do professor, para que, ao deparar com as

diferenças em sua sala de aula, tenha conhecimento suficiente para tomar medidas teórico-metodológicas coerentes com as mesmas, usando varias estratégias com os recursos visuais . Antes de desenvolver as atividades, passamos por uma preparação prévia, quando procuramos aprender a Libras para interagir com a criança em questão e usando as imagens nítidas e de fácil compreensão. A preocupação era de socializar a língua de sinais para que tivéssemos uma comunicação e também para que tivessem um entendimento mais amplo através da visualização para que possam se expressar melhor. Pois como estabelecer um diálogo se o outro não domina ou pelo menos conhece um sinal desta língua?

No entanto, sabe-se que não é fácil implementar o bilingüismo nos espaços inclusivos, pois dominar alguns sinais não é a mesma coisa que investir na apropriação completa da língua. De qualquer modo, os resultados alcançados, com esta experiência, são indicadores de que a prática pedagógica empreendida foi uma alternativa bem sucedida.

Referências Bibliográficas

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: SEF,1998. (5^a a 8^a série).

BRASIL; *Ministério da Educação: MEC, Educação Especial – Programa Educação Inclusiva: direito a diversidade*. Números da Educação Especial no Brasil; Dados da Educação Especial no Brasil – Evolução da Educação Especial no Brasil. Disponível em: <<http://www.portal.mec.gov.br>>, acessado em 06 de março de 2009.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil**. São Paulo: Ática, 2004.

DAMASCENO, Leonardo Soares; CARDOSO, Helânia Cunha de Sousa. **A leitura da imagem visual no contexto escolar: interferências**, 2007. Disponível em <<http://www.unipam.edu.br/perquirere/>>. Acesso em 4 março de 2009

HESSEL, C.; ROSA, F.; KARNOPP, L. **Cinderela Surda**. Canoas: ULBRA, 2003.
_____. **Rapunzel Surda**. Canoas: ULBRA, 2003.

LEBEDEFF, T. . Reflexões sobre adaptações culturais em histórias infantis produzidas para a comunidade surda. In: ORMEZZANO, G.; BARBOSA, M. (Org.). **Questões de Intertextualidade**. Passo Fundo: UPF, 2005, p. 179-188.

MANTOVANI, R. L. **Contar histórias: técnica e performance**, Anais do IV Congresso de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (Memória ABRACE X). Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, Elaine Rosa. **A imagem no livro didático: um estudo sobre a didatização da imagem visual**. 2002. 145p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

PEREIRA, M. C. Papel da língua de sinais na aquisição da escrita por estudantes surdos. In: LODI et al. **Letramento e Minorias**. Porto Alegre: Mediação: 2002, p. 47-55.

QUADROS, Ronice Müller. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

REILY, Lucia H. **As imagens**: o lúdico e o absurdo no ensino de arte para pré-escolares surdos. In: SILVA, I.; KAUCHAKJE, S.; GESUELI, Z. (Org.). Cidadania, surdez e linguagem. São Paulo: Plexus, 2003.

ROSA, F.; KARNOPP, L. **Adão e Eva**. Canoas: ULBRA, 2005.

_____. **Patinho Surdo**. Canoas: ULBRA, 2005.

ROSSI, Maria Helena Wagner. **Imagens que falam**: leitura da arte na escola. Porto Alegre: Mediação, 2003.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e de contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1966.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SKLIAR, C. (Org.). **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, C.(Org.). **Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos**. Porto Alegre: Mediação, 1999. (vol. 1 e 2)

STROBEL, Karin L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC: 2008.